

O MITO DA REVOLTA *VERSUS* AS CARTAS DE BAUDELAIRE: O PESO DE UMA FAMÍLIA BURGUESA

Gilles Jean Abes

Doutorando em Estudos da Tradução – Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: Este artigo aborda o perfil de um Baudelaire revoltado desde a infância, protótipo do complexo de Édipo, que mantém uma relação passional ou até incestuosa com a mãe, cujo segundo casamento com o coronel Aupick proará nele uma “fissura” na alma frágil, terna e feminina. Baudelairianos tais como Porché ou Sartre e, notadamente, Ivan Junqueira afirmaram de maneira categórica esse perfil. Não obstante, as cartas do poeta se chocam com essa descrição produzindo outro Baudelaire. As pesquisas da correspondência e da noção de família no século XIX revelam comportamentos familiares que favorecem o surgimento de conflitos durante a afirmação da individualidade do poeta quando escolhe a carreira das letras.

Palavras-chave: Charles Baudelaire – Correspondência. Correspondência – Crítica e interpretação. Família – tema literário.

Résumé: Cet article aborde le profil d’un Baudelaire révolté depuis son enfance, prototype du complexe d’Oedipe, qui maintient une relation passionnelle ou même incestueuse avec la mère, dont le second mariage avec le colonel Aupick provoquera chez lui une « fêlure » en son âme fragile, tendre et féminine. Des baudelairiens tels que Porché ou Sartre et, notamment, Ivan Junqueira affirment de façon catégorique ce profil. Cependant, les lettres du poète se choquent avec cette description produisant un autre Baudelaire. Les recherches sur la correspondance et la notion de famille au XIXème siècle révèlent des comportements familiaux qui favorisent l’apparition de conflits durant l’affirmation de l’individualité du poète quand il choisit la carrière des lettres.

Mots-clés: Charles Baudelaire – Correspondance. Correspondance – Critique et interprétation. Famille – Thème littéraire.

Teus ombros suportam o mundo
e ele não pesa mais que a mão de uma criança.

Carlos Drummond de Andrade

Este artigo tem por intuito questionar a revolta do poeta Charles Baudelaire, provocada pelo segundo casamento da mãe com o coronel Aupick, assim como, a partir da noção de família no século XIX e com base na sua correspondência, analisar o relacionamento do futuro poeta de *As flores do mal* com seus familiares. De fato, a afirmação da revolta e de uma “fissura” provocada pelas segundas núpcias da mãe é contundente. Alguns baudelairianos ou estudiosos de Baudelaire tais como François Porché e Jean-Paul

Sartre afirmaram categoricamente que o jovem Charles manteve uma relação passional ou até mesmo incestuosa com sua mãe. Assim sendo, a intromissão do senhor Aupick entre os dois marcaria o princípio de uma revolta que continuou a se manifestar durante toda a vida do poeta das “flores doentias”. Não obstante, a análise dessa correspondência em seu conjunto provocou um importante choque na imagem que tinha de Baudelaire até então. O poeta maldito, da infância revoltada, com relacionamento conturbado com o padrasto e que não superou a fase edípica, embateu-se aos poucos com outro Baudelaire. Ao final, o contato direto com essas epístolas abriu espaço para a dúvida e para o questionamento dessa imagem mistificada, o que instigou minha curiosidade para com as missivas baudelairianas e o que poderiam ainda revelar. E a importância do estudo destas ganha em intensidade sem pensarmos que o mais renomado tradutor dos versos do poeta no Brasil reproduz essa imagem questionável: Ivan Junqueira. Foi justamente contra seu ensaio “A arte de Baudelaire” que minha leitura da correspondência se chocou. Além disso, este estudo, que precede sua tradução, está presente notadamente no volume único *Poesia e prosa* publicado em 1995 pela editora Nova Aguilar, e igualmente pela editora Nova Fronteira. É referência sua tradução de *As flores do mal* (1985), considerada um best-seller por ter ultrapassado sua 10ª edição e única de renome realmente acessível atualmente tanto por leitores comuns quanto para acadêmicos (MEIRELLES, 2008, p. 99). Outro tradutor, não menos renomado, José Paulo Paes, afirma: “Depois de perder o pai quando contava apenas seis anos de idade, Charles Baudelaire (1821-1867) jamais se conformou com o segundo casamento de sua mãe, que o levou desde cedo a atitudes de rebeldia.” (2006, p. 192) No que se refere às pesquisas acadêmicas, encontramos a tese “Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: Trajetórias e maturidade estética e poética” (PHILIPPOV, 2004), que confirma a famosa revolta com o segundo casamento. Portanto, trata-se neste estudo de introduzir a dúvida nesta imagem que se tem do poeta parisiense para possibilitar sua reavaliação, permitir outras abordagens e até mesmo, em outro momento, pesquisar o impacto desses traços psicobiográficos na interpretação de sua obra. A revolta ou conflito que provocara a fratura entre Charles e seus parentes, já ocorrera na infância ou se manifestara aos poucos, na mesma medida que afluía sua individualidade de artista, irrompendo na aurora de seus 21 anos?

Abordemos então as questões propostas pelos propagadores da ideia de “fissura” que se deu na infância e a de relação incestuosa. Essa “fissura” foi afirmada por Jules Buisson,

camarada de Baudelaire do tempo da pensão Bailly. Buisson afirma durante uma entrevista com Eugène Crépet realizada em 1886 que: “Baudelaire était une âme très délicate, très fine, originale et tendre mais féminine et faible qui s’était fêlée au premier choc avec la vie” (PICHOS; ZIEGLER, 1987, p. 142)¹. Três gerações de pesquisadores, Eugène e Jacques Crépet (pai e filho) e Claude Pichois, assim como Sartre, reproduziram essa declaração. Todavia, Pichois dá uma conotação positiva à fissura vendo nela o motivo pelo qual os sonhos burgueses ruíram na mente do poeta. Por sua vez, Sartre (via Porché) exagera sua importância como trauma sofrido por Baudelaire, fonte de sua revolta e de seu ódio contra o padrasto. Um comentário aparentemente anódino de Pichois, na impressionante biografia do poeta, alerta o pesquisador para as concepções do feminino e masculino. O renomado baudelairiano afirma que sua atitude admirativa para com as amazonas e a guerreira supõe um gosto profundo pelas mulheres marcadas pelo signo masculino. As declarações, de Buisson a Crépet, não se sustentam por muito tempo perante uma leitura pautada nos estudos de gênero. Pode-se perceber até certo preconceito na oposição estabelecida pela conjunção “mas”: tinha uma alma muito delicada, muito fina, original e terna, mas feminina e fraca. O valor negativo imprimido à femininidade não pode ser aceito, principalmente, ao lembrar que antes mesmo de qualquer tipo de essência do feminino, o gênero se estabelece muito fortemente pelos discursos que irradiam qualquer sujeito. Essas afirmações lembram a falida expressão “sexo frágil”. De formas bem distintas, Pichois e Sartre propagam essa ideia de fissura em Baudelaire, sendo que o primeiro não sustenta a famosa revolta do jovem Charles e o segundo reproduz essa ruptura com Aupick após as segundas núpcias da mãe, provendo um forte argumento para o complexo de Édipo.

Para Jean-Paul Sartre, tratar-se-ia da proposta de uma psicanálise existencial. Sartre escreve em seu ensaio sobre Baudelaire (1947) no momento em que tenta por em prática sua teoria da Psicanálise existencial.

Sartre propõe-se a investigar a biografia de Baudelaire na busca de desvendar o projeto original do poeta, pois é exatamente a partir da iluminação do projeto original de um indivíduo que, segundo Sartre, a psicanálise poderia alcançar os móveis e os motivos que fundamentam as escolhas humanas. A questão então seria a seguinte: de que forma a investigação de uma biografia nos daria os elementos necessários ao desvelamento desse projeto? Em primeiro lugar, a resposta vem sustentada pela premissa colocada por Freud e assimilada pelo nosso filósofo, segundo a qual, qualquer ato ou comportamento humano é sempre simbólico, ou seja, é sempre a

manifestação empírica de uma estrutura mais profunda que, para Freud, estaria localizada numa instância inconsciente do aparelho psíquico, mas que, de acordo com Sartre, relacionava-se à escolha singular que cada indivíduo faz de si mesmo e que se manifesta em cada uma de suas escolhas empíricas realizadas na imediaticidade de suas vivências cotidianas. Dessa forma, ele conclui que se o homem é de fato um todo, esse todo deve expressar-se inteiramente em qualquer de suas condutas, por mais insignificantes que elas possam parecer (BOËCHAT, 2008, p. 01).

Se esse todo se expressa pelas condutas, mesmo insignificantes, a dúvida que surge é : qual conduta eleger como digna de interesse ou como símbolo de um comportamento humano? Pois esse projeto sartriano parece escolher metodicamente alguns trechos epistolares e da obra poética em detrimento de muitos outros que poderiam apontar em direção oposta.

Lorsque son père mourut, Baudelaire avait six ans, il vivait dans l'adoration de sa mère; fasciné, entouré d'égards et de soins, il ne savait pas encore qu'il existât comme une personne, mais il se sentait uni au corps et au coeur de sa mère par une sorte de participation primitive et mystique; il se perdait dans la douce tiédeur de leur amour réciproque; il n'y avait là qu'un foyer, qu'une famille, qu'un couple incestueux (SARTRE, 2000, p. 18).

Quando seu pai morreu, Baudelaire tinha seis anos, vivia na adoração de sua mãe; fascinado, envolto em atenções e cuidados, não sabia ainda que existia enquanto pessoa, mas sentia-se unido ao corpo e ao coração de sua mãe por uma sorte de participação primitiva e mística; perdia-se na suave tepidez de seu amor recíproco; havia apenas um lar, uma família, um casal incestuoso (Trad. de minha autoria).

Como empregar, com tanta segurança, expressões como “unido ao corpo”, “participação primitiva e mística” e “casal incestuoso”, apenas com algumas frases ou máximas tiradas da correspondência e de *Meu coração nu*, frases estas carregadas de ambiguidade? Sartre prossegue:

En novembre 1828 cette femme tant aimée se remarie à un soldat; Baudelaire est mis en pension. De cette époque date sa fameuse “fêlure”. Crépet cite à ce sujet une note significative de Buisson: “Baudelaire était une âme très délicate, très fine, originale et tendre, qui s'était fêlée au premier choc de la vie.” Il y avait, dans son existence, un évènement qu'il n'avait pu supporter : le second mariage de sa mère (SARTRE, 2000, p. 18-19).

Em novembro de 1828 esta mulher tão amada casa novamente com um soldado; Baudelaire é posto em uma pensão. Desta época data sua famosa “fissura”. Crépet cita a respeito uma nota significativa de Buisson: “Baudelaire era uma alma muito delicada, muito fina, original e tenra, que tinha se fissurado no primeiro choque da vida.” Havia, em sua existência, um

evento que não pudera suportar: o segundo casamento de sua mãe (Trad. de minha autoria).

Constatamos nessa citação a reprodução da frase de Jules Buisson. Todavia, é preciso lembrar que a mãe de Charles respeita as regras de boa conduta da época no que tange à duração do luto. Em Paris, o decoro exige permanecer de luto durante exatamente um ano e seis semanas, para dois anos no interior. Ora, o pai de Baudelaire faleceu no dia 10 de fevereiro de 1827. Charles tinha quase sete anos de idade (seis anos e dez meses) e o segundo casamento ocorreu no dia 8 de novembro de 1828. O coronel Aupick, segundo os registros, iniciou os trâmites legais em 17 de outubro de 1828. É importante ressaltar também que Charles foi acompanhado pela mãe na pensão Delorme na cidade de Lyon, para estudar no *Collège Royal*, em janeiro de 1832 e torna-se interno deste colégio em outubro do mesmo ano. O intervalo entre o casamento dos Aupick, fonte de tão dolorosa e perene revolta conforme a tradição, e a ida para Lyon para o internato, foi de pouco mais de três anos. Todavia, se observarmos as palavras de Sartre, temos a impressão de uma ruptura imediata no relacionamento mãe-filho provocada pelo matrimônio: “Em novembro de 1828 esta mulher tão amada casa novamente com um soldado; Baudelaire é posto em uma pensão. Desta época data sua famosa ‘fissura’”. Vejamos qual é a visão que o principal tradutor d’*As flores do mal* tem do autor traduzido.

A problemática espiritual de Baudelaire deita suas mais fundas raízes no substrato de um conflito familiar que remonta à primeira infância do poeta. Contribuem de forma decisiva para isso os dois casamentos – entre ambos não transcorrem sequer dois anos – de sua jovem mãe, que desposou dois homens mais velhos do que ela: ao contrair as primeiras núpcias, Caroline Archimbaut-Dufäys tinha 26 anos e Joseph-François Baudelaire – o pai de Baudelaire – nada menos que 60, enquanto que o padraсто do poeta, o general Jacques Aupick, contava 39 quando, em novembro de 1828, resgatou Caroline de sua curta viuvez. Baudelaire, então com sete anos, jamais absorveu esse golpe, tanto assim que, pouco depois, como nos informa François Porché, escreveria: “Quando se tem um filho como eu, não se casa outra vez.” Mais espantoso ainda é o que se lê em carta que o poeta enviou à mãe a 6 de maio de 1861 (37 anos depois!) e na qual escreve: “Há em minha infância uma época de amor apaixonado por ti; escuta e lê se [*sic*] receio. Jamais falei tanto disso a ti. Lembro-me de um passeio de fiacre; safas de uma casa de saúde em que estavas exilada, e me mostraste, para pensar que pensaste em teu filho, desenhos à caneta que fizeste para mim. Julgas que tenho uma memória terrível? Mais tarde, a praça de Saint-André-des-Arts e Neuilly. Longas caminhadas, ternuras sem fim!”.

Ociosos acrescentar o que quer que seja. O texto fala por si. Estivesse vivo em fins do século XIX, Baudelaire teria sido um dos mais paradigmáticos pacientes de Freud, a própria encarnação do complexo de Édipo (JUNQUEIRA, 1995, p. 60-61).

Primeiro, os dois trechos são suficientemente ambíguos para que se examine com cuidado toda a correspondência de Baudelaire – aproximadamente 1500 cartas, bilhetes, contratos e notas promissórias – de sua infância (1832) até 1866. Segundo, seria preciso circunscrever uma definição ou, ao menos, aprofundar o conceito de complexo de castração, para depois poder afirmar com tanta segurança tal diagnóstico. Além disso, antes mesmo da análise da correspondência, um indício aponta para a ponderação nas afirmações que faz Marcel A. Ruff em seu estudo sobre Baudelaire. De fato, não se trata de um ataque à psicanálise em si, mas da hipótese de um emprego abusivo e talvez superficial da psicanálise. Se o Édipo é, como afirma Juan-David Nasio, o mais crucial dos conceitos psicanalíticos, também pode-se constatar que todas as crianças passariam por duas grandes fases nesse processo formador da identidade sexual adulta. A primeira seria a sexualização dos pais decorrente da experiência vivida pela criança de cerca de quatro anos quando absorvida por um desejo sexual incontrolável. Terá de aprender a limitar seu impulso sob o peso dos limites de seu corpo imaturo, de sua consciência nascente e da Lei tácita que lhe ordena que pare de tomar seus pais por objetos sexuais. A segunda fase se estabelece justamente a partir desses limites na dessexualização dos pais. Eis a essência da crise edípica: toda criança deverá aprender a canalizar um desejo transbordante (NASIO, 2007). Se todos os seres humanos passam pelo Édipo, como afirmar com tanta certeza, com apenas algumas citações, por vezes ambíguas e que se opõe a muitas outras, o complexo de Édipo em Baudelaire?

Outra interrogação que se coloca é a relevância da insistência na idade dos maridos. Há um equívoco na idade do coronel Aupick, que teria nascido em 1789 (no período conturbado da Revolução), o que explicaria a falta de certidão de nascimento, e que tinha assim apenas quatro anos a mais que Caroline Archinbaut Defayis (ou Defaÿs ou ainda Dufays) nascida em Londres em 1793, conforme a cronologia estabelecida por Pichois e Ziegler. No caso do primeiro casamento, trata-se de uma prática muito comum na época. Não podemos esquecer a condição da mulher no século XIX, enclausurada à vida privada, dependendo de um bom casamento para sua sobrevivência. Muitas vezes esmagando os sentimentos e a individualidade, as famílias impunham o matrimônio arranjado que era fonte de especulação, enriquecimento ou preservação financeira e, sobretudo na nobreza, de estratégias diplomáticas, o que dá à instituição uma

importância capital. Não significa que tenha sido o caso para os Aupick, já que Marcel A. Ruff afirma ter sido um casamento de amor. A respeito do conflito familiar e da educação do jovem Charles, Ivan Junqueira comenta:

É também perturbador, já aqui em plano muito mais amplo, o que registra o poeta no fragmento 18 de Projéteis: “O gosto precoce pelas mulheres. Confundia o cheiro das peles com o odor da mulher. Lembro-me... Enfim, amava minha mãe por sua elegância. Era portanto um dândi precoce.” Bastariam esses poucos textos para confirmar à saciedade [sic] o conflito em que mergulhara o pequeno Charles, que pouquíssimo privou [sic] da intimidade do próprio pai (ao morrer Joseph-François, Baudelaire tinha apenas seis anos), que jamais se entendeu com o irmão mais velho (Alphonse, filho do primeiro casamento de Joseph-François), que se viu destituído do amor materno após a chegada do general Aupick e que por este foi tratado, não propriamente de forma odiosa ou distante, mas sob as severas imposições do único critério de que dispunha o padrasto para educação de uma criança: o da disciplina militar (JUNQUEIRA, 1995, p. 62).

Curioso “conflito” que não se entrega em parte alguma na correspondência durante esse período tão crítico: pós-casamento na solidão do internato. Surpreendente também a imagem do padrasto, que certamente tinha uma visão rigorosa da educação, mas que parece simplificada, pois o oficial demonstra preocupação e afeto para com Baudelaire, até o famoso *corte* entre os dois. Certamente a carreira militar não ajudou o general a aplicar uma pedagogia menos autoritária, mas devemos levar em conta, como veremos de forma mais detida adiante, o contexto peculiar da família burguesa e das expectativas e investimentos feitos na criança do século XIX. Muito mais do que o rigor militar, a autoridade despótica do pai/marido ou dos pais – com o apoio das leis do Estado – nos parece mais conforme às imposições feitas na educação de um jovem burguês durante sua escolaridade. O filho podia ser facilmente preso por um problema de conduta e a filha ser internada a pedido da família conforme a lei de 1838. Os casos famosos de Adèle Hugo e Camille Claudel são exemplos simbólicos das práticas da época (PERROT, 2009, p. 109 e p. 263-264)². Há de convir que, no que concerne à educação, o enfraquecimento desse tipo de pedagogia sucedeu apenas depois de maio de 68.

Antes mesmo de abordar o caso peculiar da família Baudelaire/Aupick, a nosso ver, é preciso obter um maior embasamento histórico sobre a noção de família³ e o que ela representa no século XIX. Essa necessidade parece vital no sentido em que permitirá melhor entender as reações, as decisões do casal Aupick perante a postura do jovem

Charles. Se nos propomos questionar a ideia de “fêlure” ou “fissura” – interpretado como traumatismo⁴ – decorrente do segundo casamento, conforme apontam Pichois, Sartre e Junqueira, não há dúvida que a análise das cartas não bastará a aclarar a problemática. Devemos investigar historicamente as relações privadas no seio familiar durante esse período. Uma compreensão desse meio não poderá fornecer senão dados importantes para avaliar os atos de cada membro.

O fortalecimento da noção de família no século XIX já foi provado e se fundamenta em uma reação à decadência moral e espiritual setecentista. A família passou a ser o centro de uma luta para reformar os hábitos e a moral. Na Inglaterra, onde se temia as consequências da Revolução Francesa, os evangélicos consideram-na como a “pequena igreja” e os puritanos como o “pequeno Estado”. Daí decorre uma separação com intensidade jamais vista até então nas tarefas e nos papéis do homem e da mulher, reservando para o gênero feminino os cuidados do lar, domínio do privado, já que o público era considerado subversivo.

Essa divisão entre mundo masculino e mundo feminino apresentava uma conotação religiosa: a esfera do público era tida como perigosa e amoral. Os homens que circulavam nessa atmosfera só poderiam ser salvos com um contato regular com o mundo moral do lar, onde as mulheres eram portadoras desses valores puros capazes de neutralizar as tendências destruidoras do mundo dos negócios. A casa era o local de prazeres amenos, refúgio do homem cansado e preocupado, tido como responsável pela produção da riqueza material de que dependia o lar. A masculinidade se baseava na capacidade do homem de atender às necessidades dos seus; a feminilidade de uma esposa e de suas filhas se fundamenta na dependência. A dignidade de um homem estava ligada à sua profissão; se tivesse alguma ocupação, a mulher perderia qualquer distinção. Em meados do século XIX, o ideal burguês de um marido que atendia às necessidades da família e de uma esposa que se consagrava ao lar estava de tal forma difundido que o recenseamento geral teve ocasião não só de mencionar uma nova categoria, as “mulheres do lar”, como também de afirmar em sua introdução ao relatório de 1851: “Todo inglês deseja profundamente possuir uma casa individual; é um quadro bem definido em torno da família e de seu lar – santuário de suas dores, alegrias e reflexões” (PERROT, 2009, p. 63).

Até mesmo os revolucionários franceses mais encarniçados recuaram, após estabelecerem leis sobre o divórcio, a não supremacia conjugal do marido, o respeito aos direitos dos filhos naturais, e impuseram um limite intransponível mostrando claramente que as mulheres estavam do lado privado. Esse primeiro impulso verdadeiramente revolucionário será retomado apenas em 1970 pelas leis francesas

sobre a família. A lei sobre o divórcio de 11 de julho de 1975, por exemplo, tornou o procedimento tão fácil quanto em 1792. Eis o legado de algumas ideias bastante modernas sobre direitos da família em decorrência do *élan* inicial da revolução.

Para Hegel, nos *Princípios da Filosofia do Direito* (1821), “o indivíduo está subordinado à família, que, com as corporações, é um dos ‘círculos’ essenciais da sociedade civil” (PERROT, 2009, p. 80). Durante a Restauração, o pai torna-se o “chefe natural, como o rei-pai é o chefe natural da França”. Constatamos que a noção da família no século XIX é bastante discutida e analisada pelos pensadores, religiosos e políticos da época produzindo notadamente “manuais” de toda sorte que regulamentavam os costumes formando o comportamento privado das mulheres do lar, dos filhos e do próprio pai. Um exemplo espantoso desses manuais é o que se preocupa com a “etiqueta do luto” que determinava não somente o tempo, mas igualmente o tipo de vestimenta que se deveria usar. É o caso do *Annonces des deuils* (Anúncio dos lutos), no século XVIII ou o *Manuel complet de la maîtresse de maison*, publicado em 1913. No século XIX, a influência desses manuais é particularmente visível tendo em vista a complexidade das regras a seguir e o papel reforçado da família. A divisão do luto é bastante interessante, pois estabelece três graus diversos cada qual com condutas rigorosamente prescritas: fechado no começo, a seguir leve, e por fim meio-luto. Citamos igualmente o *Manuel de la maîtresse de maison* escrito por madame Pariset em 1821 reelaborado em 1913, como vimos acima, por madame Celnart.

A multiplicação e o sucesso desses livros são sintomas da preocupação de inventar um novo modo de vida e um novo tipo de felicidade. O modo de vida é exclusivamente privado, o quadro ideal da felicidade é o círculo familiar, e o meio para conquistar essa felicidade é a boa administração do tempo e do dinheiro. Essas obras explicam como organizar os momentos da existência, e como ter sucesso neles. Descrevem os ritos que balizam o tempo e os papéis a serem assumidos pelos membros da família (PERROT, 2009, p. 184).

As preocupações acerca da formação do Estado e da noção de família acabam por evoluir paralelamente e na mesma direção: o fortalecimento mútuo. Assim sendo, a dependência da mãe e dos filhos em relação ao pai chega a ser despótica e cada membro assume um papel que deve ser cumprido conforme as expectativas paternas. O próprio Victor Hugo, grande republicano, defensor da abolição da escravidão e que lutou contra

a pena de morte, foi considerado pelo filho um “doce tirano”, impondo sua autoridade no seio familiar. Mas essa família típica, centralizada no rei-pai e na predominância do grupo em detrimento do indivíduo, não se restringiu à burguesia e foi se alastrando aos poucos à nova classe social nascente. Segundo Donzelot, “o sentimento moderno da família teria surgido nas camadas burguesas e nobres do Antigo Regime estendendo-se, posteriormente, através de círculos concêntricos, para todas as classes sociais, inclusive o proletariado do fim do século XIX” (1986, p. 11). Ao círculo sagrado da família e seu patrimônio agrega-se a noção de honra que tem um papel simbólico.

Tudo que arranha sua reputação, que mancha seu nome, é uma ameaça. Cerra fileiras contra o estranho que lhe faz uma ofensa. O erro comprometedor de um membro seu mergulha-a num constrangimento cruel. Solidariedade na reparação, punição do tribunal familiar, exclusão, cumplicidade do silêncio: todas as reações são possíveis. Ai daquele, porém, que traz a desgraça! (PERROT, 2009, p. 250).

Desta forma, o filho ilegítimo – lembremos da condição de Leonardo Da Vinci – carregará a marca indelével desse escândalo, sendo os casos de abandono, no século XIX, bastante frequentes. Da mesma forma, as taras, a delinquência e a loucura são condenadas ao silêncio e à clausura. É famoso o caso de Adèle, filha de Hugo, condenada por sua extravagância e por ser uma jovem perturbada. Com exceção da mãe, a família uniu suas forças para expulsar a anomalia evitando assim macular o grande nome do autor d’*Os miseráveis*. No caso de Baudelaire, uma anedota do escritor Maxime Du Camp revela-se primorosa. No mês de novembro de 1850, em Constantinopla, no palácio da legião francesa, o embaixador Aupick pergunta ao membro da Academia se houvera alguma revelação na literatura desde que deixara Paris. O escritor apontou espontaneamente Henri Mürger com seu *Vie de bohème* cujo sucesso foi comentado. Inocentemente, Du Camp afirma que recebera uma carta de Louis Cormenin na qual este lhe escreveu que tinha visto ultimamente um Baudelaire que, malgrado a originalidade um pouco forçada, possuía um verso firme e temperamento de poeta, coisa rara em nossos tempos. Assim que pronunciou o nome de Baudelaire, a Sra. Aupick baixou a cabeça e Aupick olhou-o fixamente como se ali tivesse percebido uma provocação (DU CAMP, 1993, p. 57-58)⁵.

Tendo em vista essas considerações no que tange à família e essa anedota, quais eram as expectativas para com um jovem burguês como Charles? Esperava-se dele que concluísse estudos superiores na faculdade de direito ou de medicina ou ainda nas grandes escolas (Polytechnique, les Ponts, les Mines, Centrale). Poderia também ingressar no negócio da família ou na carreira militar. Neste sentido, há um manifesto e crescente investimento na criança por parte da família que pode assim, através dele, perseguir sonhos próprios de ascensão social ou, ao menos, ambicionar sua felicidade no que consideram ser um sucesso profissional. Basta lembrar de obras como *O pai Goriot* de Balzac para avaliar a importância dessa ascensão.

Limitando-nos por hora às relações familiares, o que nos interessa nesse momento é a plausibilidade de um duplo sentimento no círculo familiar baudelaireano: a decepção dos pais perante a revolta do filho prodígio. De fato, a hipótese de uma revolta/insurreição perante a família e suas imposições parece se sustentar em detrimento de uma suposta “fissura” em Baudelaire a partir do segundo casamento da mãe com o coronel Aupick.

A família, no século XIX, se encontra numa situação contraditória. Fortalecida em sua dignidade e poder por toda a sociedade, que nela vê um mecanismo regulador fundamental, ela tenta impor a seus membros seus próprios fins, considerando o interesse do grupo superior ao de seus integrantes. Mas, por outro lado, a proclamação do igualitarismo, os progressos insensíveis, mas constantes, do individualismo exercem pressões centrífugas, geradoras de conflitos, que por vezes chegam à ruptura. [...] A família burguesa em particular é alvo das críticas de artistas e intelectuais – dândis, solteiros sublevados contra as leis do casamento, boêmia que zomba dos costumes hipócritas – [...] (PERROT, 2009, p. 246-247).

O caso de Victor Hugo é simbólico, pois impõe toda sua vontade sobre a família como uma das figuras paternas mais grandiosas do século. Existe nele um paradoxo na luta entre generosidade e despotismo, dedicação e poderio típico da família burguesa. Destaca-se aqui o ato bastante hipócrita do pai burguês que tem amantes, mas teme mexericos e manda sua própria filha “demente” para uma obscura casa de saúde, no intuito de preservar a grandiosidade de seu nome e sua honra. A figura paterna, chefe natural da família cuja luta é moralizadora, acaba por atrair, pelos seus atos, as críticas dos artistas e intelectuais. A dignidade cambaleia perante o olhar dos marginalizados que lutam pela sua individualidade, o que gera profundas fraturas.

Há, na conduta de Baudelaire, uma fonte tripla de conflito para com a família que poderia explicar os motivos de tal fratura. Primeiro, abandona (ou sequer inicia) seus estudos de Direito, escolhendo a aventura de viver como literato. Segundo, Charles se considera “barroco”, como ele mesmo diz em uma carta para Adolphe Autard de Bragard datada do dia 20 de outubro de 1841: “Se não amasse e lamentasse tanto Paris, permaneceria o mais longamente possível junto a vós e forçar-vos-ia a gostar de mim e a achar-me um pouco menos *barroco*⁶ do que pareço”. Pela acepção do adjetivo, antes da influência do sentido estético, o termo aproxima-o da extravagância, da marginalidade, da loucura, enfim, da anomalia, fonte de grande vergonha para os Aupick, que deve ser silenciada, como vimos na anedota de Du Camp, ou expulsa como pode se observar na postura do meio-irmão⁷. A Senhora Aupick abaixa a cabeça perante o marido que entende o pronunciamento do nome “Baudelaire”, como uma provocação por parte de Du Camp. A mãe virá dez minutos depois falar com o amigo de Flaubert, com voz bem baixa, para averiguar se seu filho tem talento. Alphonse propõe sua ajuda com a condição que Charles se arrependa e assuma seus erros, caso contrário, diz: “Eu te abandonarei a todos os problemas de dívidas e às consequências que podem ter” ou “via-te crescer com orgulho, e teria ficado tão feliz de apresentar-te a todos aqueles que o conhecem, que o estimam” e “que todo mundo te oferecerá a mão para te elevar, mas que ninguém quererá mergulhá-la na lama para tirar-te dali”. Conhecemos a continuação da história. Baudelaire não seguirá os conselhos dos familiares e perderá a estima do meio-irmão e do padrasto. A correspondência entre Charles, Alphonse e o general se interromperá quase totalmente em 1841-42, na volta do filho pródigo de sua famosa viagem às Índias, com exceção de uma carta datada de 29 de dezembro de 1854. Edmond Baudelaire, filho único de Alphonse, acabava de falecer e o poeta mandou-lhe uma missiva para demonstrar o quanto essa perda o atingiu, da mesma forma que os anos de silêncio e afastamento entre os dois.

Finalmente, Baudelaire não cumpre com as regras de conduta exaltadas pela burguesia em sua vida de dândi, em total desrespeito com as noções de trabalho, família e dinheiro da época. A dignidade e até mesmo a masculinidade, lembrando a razão da derrota de 1870, passam pela boa gestão desses conceitos pilares. Fica óbvio, nas cartas do meio-irmão, que o poeta não atende às expectativas da família burguesa, dilapidando antecipadamente sua herança ao se endividar. Assim, Alphonse não pode mais

apresentar Charles “a todos aqueles que o conhecem, que o estimam”, pois se tornou uma anomalia no círculo sagrado, uma fonte de vergonha que deve ser apartada. No entanto, é forçoso constatar que poucas famílias do século XIX admitiriam tal comportamento. Mesmo que a família tenha sofrido transformações, mudando aos poucos sua estrutura, e que não pese tanto sobre os ombros dos filhos, deixando-os, por exemplo, escolher sua carreira, muitos valores morais continuam similares. O que percebemos claramente na correspondência de Alphonse é uma falta de entendimento da personalidade do jovem Charles. A culpa de sua possível perdição é lançada sobre a má influência dos camaradas da pensão Bailly et Lévêque, fonte de sua vida libertina e desregrada. A incompreensão dos parentes não pode ser condenada tão facilmente. São os atos decorrentes dessa incompreensão que são inadequados à individualidade do poeta: a impossibilidade de achar um meio termo entre a autoridade parental e a individualidade que se eleva. E num século em que um filho se torna objeto de amor, por exemplo, tomando-se o luto quando a criança morre (a partir de 1850), este deve se deparar concomitantemente com expectativas esmagadoras que estão já se arraigando em uma sociedade que as consideram “naturais”. Ao romper com a autoridade absoluta, torna-se um “mau filho” cujo peso carregará em sua vida de marginal. Quando as ambições da família desmoronam:

O filho se sente culpado. O adulto nunca acaba de pagar a dívida e de remoer sua traição. Lembre-se de Baudelaire, que nunca deixou de sentir remorso em relação à mãe, madame Aupick. Ou Van Gogh, que, em sua correspondência com o irmão Theo, manifesta a revolta desesperada do “mau filho”. Fonte de angústia existencial, o totalitarismo familiar oitocentista é, sob muitos aspectos, profundamente neurótico (PERROT, 2009, p. 147).

Pois os dândis, boêmios, solteiros e solitários são considerados marginais, são suspeitos perante a missão moralista da família e de toda a sociedade. De formas diversas, o dandismo e a boemia constroem um modelo simetricamente oposto aos ideais burgueses. Sua relação com tempo e espaço constitui um total desrespeito à conduta exigida: vida noturna, sem horários, tendo a cidade, os cafés, as mais novas avenidas e passagens como palco. Frequentemente são indivíduos perseguidos pelos credores e oficiais de justiça, nômades por necessidade e, assim, não possuindo por muito tempo o sonho sagrado do lar apaziguador. O dandismo, de origem aristocrática, toma a distinção como princípio primeiro em contraposição à tendência de massificação da

época. Sua moral é o da ascese, com base na filosofia grega, que visa o autocontrole do corpo e do espírito, que fortalecem a busca teórica da verdade. Em Baudelaire, essa distinção se manifesta exteriormente nas vestimentas muito originais, nos gestos, modos e na higiene corporal. O dandismo é uma ética, uma concepção de vida que eleva o celibato e o *flâneur* a uma trincheira de resistência contra os ideais eleitos pela sociedade do século XIX. Essa conduta de Baudelaire certamente contribuiu para os conflitos. E tal atitude singular, assim que é qualificada de excêntrica, distancia o sujeito do centro das expectativas – do cerne da família, da sociedade e do Estado – que o torna *ex-cêntrico*, não centrado, e sob o impulso de toda sua força, leva-o às margens da conduta: à marginalidade. Essa força centrífuga não deve ser minimizada, pois o esforço dessa sociedade oitocentista para convergir à moral e bons costumes obrigou as famílias pobres que ascendiam à pequena burguesia a respeitar suas regras e leis sob pena de humilhação e exclusão.

Da mesma forma, na cidade, as mães das famílias pobres, na primeira metade do século XIX, muitas vezes induzem os filhos a mendigar, e até a fazer pequenos furtos. A moral popular, orientada para a sobrevivência do grupo, é bastante lassa. Até o dia em que a ascensão à pequena burguesia passa a exigir o respeito às leis e às boas maneiras. O devasso, o alcoólatra, o pobretão, o endividado, o jogador, o vigarista se tornam indesejáveis, severamente criticados. Quem vive de pedir dinheiro emprestado é um sem-vergonha: um pai de família deve “honrar” seus negócios. O herdeiro indisciplinado atrai sérias sanções familiares. Considerado um incapaz, Baudelaire fica sob tutela por determinação de um conselho de família; sua correspondência com a mãe, madame Aupick, é uma queixa ininterrupta sobre suas dificuldades financeiras e suas relações conflituosas com o advogado encarregado de lhe fornecer regularmente certo montante de recursos. Além disso, o decoro burguês exige que a pessoa não dê motivos a falatórios, ideal de uma mediocridade discreta. A excentricidade é uma forma de escândalo (PERROT, 2009, p. 255).

Devemos certamente nos lembrar das palavras do meio-irmão de Charles nos dois trechos citados anteriormente, assim como da postura da mãe e do padrasto na anedota de Du Camp. Haveria alguma dúvida que o poeta das “flores doentias” se enquadre nessa excentricidade e sem-vergonhice segundo os conceitos exaltados pela burguesia?

Assim sendo, abordemos agora trechos dessa infância e juventude no intuito de encontrar atos simbólicos da rejeição do segundo casamento: o famoso golpe, como disse Junqueira, que Charles jamais absorveu. Eis um trecho simbólico da postura que

tem com seu “pai”, em uma carta para seu meio-irmão Alphonse Baudelaire em 25 de abril de 1832. Baudelaire tem 11 anos e está com a mãe em Lyon na famosa época em que deveria estar se revoltando contra a família.

Papa part demain de Grenoble et sera à Lyon vendredi. Maman lui prépare des surprises; pour moi, j’ai acheté deux objets et lui donnerai à choisir. Ces deux objets sont en premier lieu un cure-oreille et un cure-dent en ivoire, cure-dent qui me coûte 10 sous, et en deuxième lieu une plume anglaise de Clays dans un étui de bois des îles. J’ai fait aussi, pour remplir les petits vases de chiffonage qu’a faits maman, des allumettes dont je t’envoie un exemplaire. C’est la mode à Lyon d’en faire comme cela; j’excelle déjà dans cet art, et ce sera une surprise pour papa; j’en ai mis des blanches, des bleues, des rouges. Maman a rempli l’autre vase de cure-dents (BAUDELAIRE, 1973, p. 07).

Papai parte amanhã de Grenoble e estará em Lyon sexta-feira. Mamãe lhe prepara surpresas; por minha parte, comprei dois objetos e lhe darei a escolher. Estes dois objetos são em primeiro lugar um esgravatador de ouvido e um esgravatador de dentes em marfim, esgravatador de dentes que me custa 10 soldos, e em segundo lugar uma pena inglesa da Clays em um estojo de madeira das ilhas. Fiz também para encher os pequenos vasos de *chiffonage*⁸ que mamãe fez, fósforos dos quais mando um exemplar. É moda em Lyon de fazê-los assim; já excelo nessa arte, e será uma surpresa para papai; coloquei brancos, azuis, vermelhos. Mamãe encheu o outro vaso com esgravatadores de dentes (Trad. de minha autoria).

Charles envia missivas durante boa parte de sua infância ao seu meio-irmão, cobrando-lhe que escreva, contando notícias da família, seus sucessos e fracassos na escola, a vida em Lyon (depois Paris), entre outros assuntos. Sempre o trata por “irmão”, assim como chama seu padrasto de “pai” ou “papai”. Não há sequer uma carta em que haja algum tratamento outro, passando, por exemplo, de “pai” para “padrasto” em função de possíveis repreensões do general Aupick ou algum tipo de mágoa passageira como se observa posteriormente, após o conflito entre os dois, quando Charles trata o padrasto por “o general”. Como se observa no trecho citado anteriormente, percebe-se a delicada atenção para com o padrasto, ao preparar-lhe uma surpresa. Em outra carta datada de 23 de novembro de 1833, ainda para o irmão, narra presentes que recebeu depois de premiações:

Ce Juvénal est magnifique, je te remercie bien, bien, de tout mon coeur. En ce moment je récapitule tous ces cadeaux, et je pense au joli couteau. À présent il faut que je te remercie du choix que tu y mets. Tout ce que tu m’as donné jusqu’à présent était très bien choisi. Papa aussi m’a fait un cadeau; il m’a donné un phénakistoscope (BAUDELAIRE, 1973, p. 21).

Esse Juvenal é magnífico, agradeço-o muito, muito, de todo coração. Nesse instante, recapitulo todos os presentes, e penso na bela faca. Agora é preciso que lhe agradeça pela forma como escolheu. Tudo o que me deu até hoje foi muito bem escolhido. Papai também me deu um presente; deu-me um fenacisticópio (Trad. de minha autoria).

Em outra carta de final de agosto ou início de setembro de 1835 para Alphonse, pode-se observar a atitude dos pais perante seus resultados escolares. Segundo Charles, a mãe aparece aqui como mais exigente do que o padrasto/militar. Há de se questionar se não se trataria, no que tange à imagem da mãe, da influência do “mito do amor materno” abordado pela filósofa francesa Elizabeth Badinter, no sentido em que se constrói ainda hoje um retrato mitológico das mães enquanto seres sensíveis, protetores, que possuem naturalmente o dom da maternidade e relação privilegiada com os filhos. Essa imagem tão característica do papel feminino no século XIX parece deitar suas raízes até nossos dias. Mas eis apenas uma interrogação, ou melhor, um veio a explorar. Baudelaire escreve para Alphonse no final de agosto ou início de setembro de 1835:

Tu attends peut-être, *Colin mon grand frère*, à une foule de prix. Je n'en ai eu qu'un, accompagné de cinq accessits, qui enchantent mon père. Ne va pas t'aviser d'être plus difficile que lui, difficile comme ma mère, par exemple, qui s' imagine que je devrais être le premier en tout. Je ne puis lui en vouloir de son exigence; sa tendresse excessive lui fait sans cesse rêver des succès pour moi (BAUDELAIRE, 1973, p. 34).

Aguarda talvez, *Colin mon grand frère*, muitos prêmios. Obtive apenas um, acompanhado de cinco *accessits*, que encantam meu pai. Não vá pretender ser mais difícil do que ele, difícil como minha mãe, por exemplo, que acredita que eu deveria ser o primeiro em tudo. Não posso guardar rancor por sua exigência; sua ternura excessiva lhe faz sonhar continuamente sucessos para mim⁹ (Trad. de minha autoria).

Em pleno século XIX, no bojo de uma família burguesa, como entender a cobrança e as esperanças do casal Aupick? De fato, não é insensato dizer que estas expectativas não seriam muito diferentes na aurora do século XXI. Deste modo, não se deve focalizar a questão apenas sob o ângulo da rigidez e das exigências da família de Charles. Quais pais atuais agiriam de outra forma senão desejando o que estimam ser o melhor para seus filhos? O cerne da questão está alhures. Definir o que se entende por sucesso, eis o que deve preocupar o pesquisador. Ao fazer esta pergunta, não se trata de desculpar os atos de cobrança ou de amenizar o impacto do processo do qual sofreu Baudelaire pelos

familiares, trata-se de evitar a hipocrisia e de abordar a essência do percurso profissional de qualquer sujeito de forma menos binária: fracasso *versus* sucesso.

Na fala do tradutor d'*As flores do mal*, a relação de afeto entre Alphonse e Charles nunca existiu. Nunca houve entendimento entre os dois, mas nas cartas encontramos trechos como este, por parte de Alphonse: “Adeus, irmão. Escreve frequentemente. Um irmão mais velho é um amigo seguro, com os conselhos do qual se deve sempre contar e cuja afeição sincera não pode ser revogada em dúvida”. A este retrato do general, único responsabilizado pela severidade, poder-se-ia opor toda a autoridade de “pai” ou marido característica, como vimos, da família moderna (segundo Donzelot) e vários trechos da correspondência:

J'ai fait une chute de cheval en me promenant avec papa du côté du chemin de fer, et j'ai une forte contusion au genou. Quelques minutes après la chute, je suis remonté à cheval, et nous nous sommes encore promenés pendant trois heures, sans que j'éprouvasse aucune douleur. Mais en rentrant à la maison et en mettant pied à terre, je me suis aperçu qu'une de mes jambes ne pouvait pas me porter. Et maintenant me voilà cloué au lit, c'est-à-dire vivant à demi, enviant tous ceux que je vois marcher. Maman se désole de ce que je perde ainsi des classes (BAUDELAIRE, 1973, p. 43).

Tive uma queda de cavalo passeando com o papai perto dos trilhos, e tenho uma forte contusão no joelho. Alguns minutos após minha queda, voltei a montar a cavalo, e passeamos novamente durante três horas, sem que sentisse nenhuma dor. Mas ao retornar para a casa e colocando o pé no chão, percebi que uma das minhas pernas não podia mais me sustentar. E agora aqui estou pregado na cama, ou seja, vivendo pela metade, invejando todos aqueles que vejo andar. A mamãe lamenta que eu perca aulas (Ao irmão, dia 2 de novembro de 1837 – Trad. de minha autoria).

Remercie bien papa pour la visite qu'il m'a faite, elle m'a fait un plaisir infini; ses visites ne sont pas fréquentes; mais plus les choses sont rares et plus elles sont précieuses. Je l'aime bien, ce père; il ne faut pas oublier de lui dire ma place. Ma jambe va mieux (BAUDELAIRE, 1973, p. 48).

Agradeça o papai pela visita que me fez, agradou-me infinitamente; suas visitas não são frequentes; mas mais as coisas são raras e mais são preciosas. Gosto¹⁰, desse pai; não deve esquecer de dizer-lhe minha colocação. Minha perna está melhor (À mãe, 5 de dezembro de 1837 – Trad. de minha autoria).

Ma jambe varie selon le temps; les jours de brouillard elle est faible; aujourd'hui j'ai un singulier engourdissement dans le pied. Cependant elle va mieux. Je voudrais bien qu'il en fût de même de papa. Adieu, ma bonne mère; dis-lui bien des tendresses pour moi. Mon frère m'a-t-il répondu? (BAUDELAIRE, 1973, p. 49).

Minha perna varia conforme o tempo; nos dias de neblina é fraca; hoje sinto um singular torpor no pé. Entretanto ela está melhor. Gostaria muito que fosse o mesmo para o papai. Adeus, minha boa mãe; diga-lhe muitas ternuras

por mim. Meu irmão me respondeu? (À mãe, janeiro de 1838 – Trad. de minha autoria).

Un de mes grands sujets de pensées ce sont les occupations de vacances, tout ce que m'a promis papa, l'anglais, les promenades, l'équitation, l'exercice, tout cela me trotte dans la tête ; je compte lire, etc., etc. [...] Dis à papa que la dernière conversation que nous avons eu au parloir m'a fait un plaisir infini. Certes je l'aimerai bien pendant les vacances, puisque chaque jour j'en pourrai avoir de pareilles (BAUDELAIRE, 1973, p. 53).

Um dos meus grandes assuntos de pensamentos são as ocupações das férias, tudo o que me prometeu o papai, o inglês, os passeios, a equitação, o exercício, tudo isso passeia em minha cabeça; pretendo ler, etc., etc. [...] Diga ao papai que a última conversação que tivemos no parlatório me propiciou um infindo prazer. Certamente eu gostarei disso durante as férias, já que todo dia poderei manter semelhantes (À mãe, aproximadamente 10 de junho de 1838 – Trad. de minha autoria).

Bien des choses à Papa. Dis-lui toujours que je pense aux plaisirs et aux études des vacances (BAUDELAIRE, 1973, p. 55).

Lembranças ao Papai. Diga-lhe sempre que penso nos prazeres e nos estudos das férias (À mãe, 19 de junho de 1838 – Trad. de minha autoria).

Esses trechos são ricos em palavras que descrevem, *a priori*, fatos ocorridos que poderiam ser tomados igualmente como simbólicos, lembrando aqui a leitura que faz Sartre de Freud. Isso significa que a análise de Junqueira foi fortemente influenciada pela aura de Sartre, a partir da indicação de outros estudos (já direcionada por Sartre e Porché, por exemplo), não levando ao devido recuo para melhor reflexão, e/ou foi insuficientemente explorada. De fato, algumas cartas posteriores à maioria podem apontar para o diagnóstico citado acima, mas grande parte, já que se trata de argumentar a partir de trechos epistolares, pode simplesmente reunir fragmentos que em seu conjunto forma um mosaico bem diverso. Assim, ao contrário de muitas afirmações, Charles parece não ter tido uma reação de revolta com o casamento da mãe com o Coronel Aupick. Nada indica nas suas missivas que tenha havido uma reação de violência ou de recusa, ao contrário, percebe-se que ele chama o padrasto de “pai”, se preocupa com sua saúde e lhe deseja parabéns pelos seus avanços na carreira militar. Demonstra seu carinho e respeito ao longo de numerosas epístolas. Não há nenhum rastro de cobrança ou de recusa perante a aliança, em um momento vital de sua existência: os primeiros anos do casamento da mãe com um oficial de exército após o falecimento do pai. Em uma carta para a mãe datada aproximadamente de 23 de abril de 1837, o jovem Charles, já com dezesseis anos, escreve: “Gostaria de saber notícias

do papai, se sofre muito, se pensarão em breve fechar a ferida, se se entedia muito, se fala de mim, tudo quanto puderes me dizer”. O poeta parisiense manifestou sua “revolta” somente depois de adulto, após entrar em uma vida que poucos pais burgueses aceitariam e, principalmente, após se embater aos ideais burgueses que não somente o general defendia, mas também sua mãe e seu meio-irmão. Muito depois desse *corte*, Baudelaire, já com quarenta anos, confessou que, mesmo se temia seu padrasto, amava-o e tinha sabedoria o suficiente para ser justo com ele (“J’ai aujourd’hui assez de sagesse pour lui rendre justice”) (RUFF, 1957, p. 12). Após o jovem Charles ter se tornado adulto, experimentou a liberdade, tomou posse de sua herança e, sobretudo, firmou sua mente de poeta e de artista. Portanto, parece bastante lógico que uma incompatibilidade irrompa entre o poeta e o militar. Uma tese – no mínimo – tão coerente quanto a da relação incestuosa com a mãe não poderia ser a da diferença de pensamento e de caráter dos dois e a fratura com as expectativas da família? Mas o que Sartre fez das próprias palavras do jovem Charles? Por acaso, ignorou as numerosas demonstrações de afeto, carinho e respeito, encontradas em numerosas missivas escritas pelas próprias mãos de Baudelaire?

Para reforçar a argumentação, retomamos aqui um dos estudos que imiscuiu a dúvida nas afirmações de Junqueira (via Sartre), o *Baudelaire* de Marcel A. Ruff:

Mais vingt mois plus tard sa mère se remarie avec le commandant Aupick, brillant officier qui n’a que quatre ans de plus qu’elle, et cette fois c’est un mariage d’amour. Quoi qu’on en ait dit, et Baudelaire lui-même, il est fort probable que sur le moment l’enfant n’a pas eu de réaction hostile. Jusqu’à l’âge de dix-huit ans, ses relations avec son beau-père paraissent affectueuses et cordiales, et son comportement ne décèle aucune blessure cachée. S’il n’y avait pas eu entre eux l’incompatibilité de tempérament qui s’est alors révélée, on peut supposer que Baudelaire n’aurait éprouvé aucun ressentiment de ce second mariage, qui allait procurer à sa mère une vie aisée et même brillante. Mais sa rancune tardive a reflué rétrospectivement jusqu’à la source de ses chagrins, et la légende, puis la psychanalyse, ont achevé de brouiller la perspective (RUFF, 1957, p. 09).

Mas vinte meses depois sua mãe casa novamente com o comandante Aupick, brilhante oficial que tinha somente quatro anos a mais do que ela, e desta vez é um casamento com amor. Apesar do que se tenha dito a respeito, e o próprio Baudelaire, é muito provável que naquele momento a criança não teve reação hostil. Até a idade de dezoito anos, sua relação com o padrasto parece afetuosa e cordial e seu comportamento não denuncia nenhuma ferida escondida. Se não tivesse tido entre eles incompatibilidade de temperamento que se revelou então, pode-se supor que Baudelaire não teria sentido nenhum ressentimento com esse segundo casamento, que propiciaria a sua mãe uma vida confortável e até brilhante. Mas seu rancor tardio refluíu

retrospectivamente até a fonte de suas tristezas, e a lenda, depois a psicanálise, acabaram por embaralhar a perspectiva (Trad. de minha autoria).

A afirmação de Ruff parece se sustentar em numerosos trechos da correspondência do poeta. Além disso, é preciso lembrar a fase em que se deu esse conflito, uma época de transição e afirmação da individualidade, no afloramento de uma personalidade tão singular e voltada para uma poesia que associou o tom sublime à temática do mal. Já no século XIX, e talvez com ainda mais impacto, a grande adolescência se coloca como um período de grandes aspirações e, portanto, de grandes conflitos. “Zona de turbulência e contestação, a adolescência constitui uma linha de fraturas e erupções vulcânicas no seio das famílias”, como afirma Michelle Perrot (2009, p. 152).

Em suma, a pesquisa da correspondência de Charles Baudelaire, notadamente pela sua tradução, reforça a certeza de uma dúvida. Se a dúvida se instala e se nossa intuição bergsoniana se rebela entre estrondos da palavra “impossível”, então outros horizontes de investigação se abrem aos pesquisadores. A dúvida deixa espaço para outras possibilidades, permite novas investidas. Uma crítica mais aprofundada da questão psicanalítica exigiria outro esforço. O objetivo foi, portanto, o de apontar a fragilidade da teoria do complexo de Édipo em Baudelaire, assim como, a da sua suposta revolta após o segundo casamento. Essas afirmações contundentes exigiam mais ainda um questionamento, já que foram propagadas por Ivan Junqueira, principal tradutor d’*As flores do mal*. Marcel Ruff despertara nossa curiosidade. Robert Kopp confirma nosso questionamento ao afirmar:

Or les rapports entre Baudelaire et son beau-père furent, d’abord, assez bons. Contrairement à la légende, la haine de Charles ne semble point dater du remariage de sa mère. [...] La brouille intervient au lendemain du baccalauréat, lorsque Baudelaire, au lieu de choisir une carrière bourgeoise, veut entrer dans celles des lettres (KOPP, 2004, p. 54)¹¹.

Além disso, é preciso destacar o valor da correspondência para os estudos literários. As missivas de escritores nos levam a três fecundos campos de pesquisa, como afirma Marcos Antonio de Moraes. Primeiro, ao recuperar nas epístolas a expressão testemunhal tais como ações, confidências, julgamentos e impressões, pode-se evidenciar uma psicologia singular do autor: território fértil para estudos biográficos,

biografias intelectuais e perfis. Uma segunda possibilidade de estudo do gênero epistolar procura alumiar a movimentação nos bastidores do sistema literário. O terceiro veio de interesse localiza neste gênero os “arquivos da criação”, momentos da elaboração de uma obra literária: o embrião do projeto, as diversas reformulações, o debate sobre a recepção crítica da obra, favorecendo, muitas vezes, outras reelaborações (MORAES, 2009, p. 124-125). Eis, espero, as afirmações contundentes de Ivan Junqueira abaladas graças à riqueza das cartas de Baudelaire.

Referências:

BAUDELAIRE, Charles. *Correspondance I, II: 1832-1860/1860-1866*. Paris: Gallimard, 1973.

BOËCHAT, Neide C. O encontro de Jean-Paul Sartre e Charles Baudelaire. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* Disponível em: http://www.abralic.org/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/049/NEIDE_BOECHAT.pdf

DONZOLET, Jacques. *A polícia das famílias*. Tradução de M. T. da Costa Albuquerque; revisão técnica de J. A. Guilhon Albuquerque. 2. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DU CAMP, Maxime. *Souvenirs littéraires. 1850-1880*. Paris: L'Harmattan, 1993. t. II.

JUNQUEIRA, Ivan. A arte de Baudelaire. In: BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e prosa*. Edição organizada por Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

KOPP, Robert. *Baudelaire: Le soleil noir de la modernité*. Paris: Gallimard, 2004.

MEIRELLES, Ricardo. Baudelaire no Brasil: Traduções. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (Org.). *Literatura traduzida e literatura nacional*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008.

MORAES, Marcos Antonio de. Edição da correspondência reunida de Mário de Andrade: Histórico e alguns pressupostos. *Patrimônio e memória*, Assis, v. 4, n. 2, p. 123-136, jun. 2009.

NASIO, Juan-David. *Édipo: o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

PAES, José Paulo. *Poesia erótica em tradução*. Seleção, tradução e notas de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Tradução de Denise Bottmann e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. v. 4.

PHILIPPOV, Renata. *Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire: Trajetórias e maturidade estética e poética*. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Literatura Francesa, Universidade de São Paulo, 2004.

PICHOIS, Claude; ZIEGLER, Jean. *Baudelaire*. Paris: Julliard, 1987.

RUFF, Marcel A. *Baudelaire*. Paris: Hatier, 1957.

SARTRE, Jean-Paul. *Baudelaire*. Paris: Gallimard, 2000.

¹ “Baudelaire tinha uma alma muito delicada, muito fina, original e terna, mas feminina e fraca que se fissurara ao primeiro choque com a vida” (Trad. de minha autoria).

² O pai pode mandar prender os filhos e recorrer às prisões do Estado, como se fazia no sistema das ordens régias, a título de “correção paterna”, o qual mantém uma polícia de família em que o poder público age por delegação. Todavia, os artigos 375-382 do Código Civil (Livro I, título IX) definem as condições para isso. “O pai que [tem] motivos de descontentamento muito graves sobre a conduta de um filho” pode apelar ao tribunal do *arrondissement*; até os dezesseis anos, a detenção não pode se estender para além de um mês, e dos dezesseis anos até a maioridade pode chegar a seis meses. Os procedimentos – e fianças – são bastante simples: nenhum pleito por escrito, nenhuma formalidade judicial além do próprio mandado de prisão, no qual não constam os motivos. Se o filho, depois de libertado, “recai em novos desvios”, pode-se solicitar nova detenção. [...] Em todo caso, mesmo que a polícia, por meio do internamento normal, continue a usar o asilo como depósito para os perturbadores da ordem pública, tal instituição passa a se alimentar cada vez mais do drama privado e do conflito familiar, que têm no médico seu juiz e árbitro.

³ Há de se destacar aqui as diferentes acepções do termo de origem latina. Conforme o *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0*, *família,ae* abarca os sentidos diversos de: “domésticos, servidores, escravos, séquito, comitiva, cortejo, casa, família.” Essa gama de acepções leva os termos família, servidores e até mesmo escravos a flertar juntas, de sorte que a autoridade paterna quase despótica do século XIX parece se fortalecer pela própria origem da palavra.

⁴ Do grego *traumatismós* ou “ação de ferir; ferimento”. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 1.0*.

⁵ “Un soir du mois de novembre 1850, à Constantinople, au palais de la légion française, le général Aupick, alors ambassadeur, me dit, après le dîner : « La littérature a-t-elle fait quelque bonne recrue depuis que vous avez quitté Paris ? » J’indiquai au général la *Vie de Bohème* qu’Henri Mürger avait fait représenter, avec succès, au théâtre des Variétés, et j’ajoutai : « j’ai reçu, il y a peu de jours, une lettre de Louis de Cormenin, dans laquelle il m’écrit : J’ai vu dernièrement, chez Théophile Gautier, un Baudelaire qui fera parler de lui ; son originalité est un peu trop voulue, mais son vers est ferme ; c’est un tempérament de poète, chose rare à notre époque. » Dès que j’eus prononcé le nom de Baudelaire, Mme Aupick baissa la tête, le général me regarda fixement comme s’il eût relevé une provocation, et le colonel Margadel me toucha le pied pour m’avertir que je m’aventurais sur un mauvais terrain. Je demeurai assez penaud, comprenant que j’avais commis une maladresse, et ne sachant laquelle. Dix minutes après, le général et Flaubert se disputaient à propos de je ne sais quel livre de Proudhon. Mme Aupick se rapprocha de moi et, à voix très basse, me dit : « N’est-ce pas qu’il a du talent ? – Qui donc ? – Mais le jeune homme que M. Louis de Cormenin vous a cité avec éloges ? » Je fis un signe affirmatif sans répondre, car je comprenais de moins en moins”.

⁶ Que o adjetivo perdeu, sob a influência do sentido estético, uma parte de sua carga desdenhosa, lembremos com *Litré* a acepção que tinha quando foi escrita a carta: “de uma bizarrice chocante”.

⁷ Cartas de Alphonse Baudelaire para Charles, datadas de 25 de janeiro e 30 de abril de 1841.

⁸ Vasos factícios feitos com pedaços de tecido, característicos da decoração dessa época.

⁹ Jogo de palavra com o título de uma canção infantil: *Colin mon petit frère*. Do latim *accessit*: distinção atribuída aos alunos nos colégios ou academias àquele ou àqueles que mais se aproximavam do prêmio.

¹⁰ Em francês: “Je l’aime bien, ce père”. Permanece no verbo “aimer” em língua francesa uma ambiguidade insolúvel. Como entender o efeito do advérbio “bien”? Devemos traduzir o verbo “aimer” como “amar” ou “gostar”? Escolhemos a ponderação. De fato, o advérbio tenderia a diminuir a força do verbo. Daí a escolha do verbo “gostar”. Há igualmente preocupação em não influenciar a argumentação da tese com a tradução, forçando o sentido para o verbo “amar”.

¹¹ “Ora as relações entre Baudelaire e seu padrasto foram, primeiro, assaz boas. Ao contrário da lenda, o ódio de Charles não parece datar do segundo casamento da mãe. [...] O desentendimento intervém nos dias seguintes após o bacharelado, quando Baudelaire, ao invés de escolher uma carreira burguesa, quer ingressar na das letras” (Trad. de minha autoria).